

O FALAR NORTE MATO-GROSSENSE: APONTAMENTOS SÓCIO-SEMÂNTICO-LEXICAIS SOBRE A LEXIA *BAMBURROU*

THE TALK OF THE NORTH MATO GROSSO: SOCIO-SEMANTIC-LEXICAL ACCENTS ON THE LEXIA *BAMBURROU*

Neusa Inês PHILIPPSEN
Universidade do Estado de Mato Grosso
UNEMAT/Campus de Sinop

RESUMO: O principal propósito desse artigo é descrever, apresentar e analisar um recorte do falar, sob a nuance da lexia *bamburrou*, de acordo com fatores diatópicos e aspectos de natureza sociocultural, em quatro municípios situados no norte do Estado de Mato Grosso e fundados a partir da ação da Colonizadora Sinop S.A.: Sinop, Vera, Cláudia e Santa Carmem. Esse estudo, de natureza dialetológica, procurou averiguar os mecanismos que levaram e ainda levam migrantes de diferentes regiões brasileiras a deslocarem-se de seus lugares de origem para esse espaço geográfico, integrante da Amazônia Legal, e como essa pluralidade de modelos linguísticos e culturais ‘fundiu-se’ e influenciou na formação e expansão do português na região.

Palavras chave: Lexia *bamburrou*, Dialetologia, Amazônia Legal.

ABSTRACT: The main purpose of this article is to describe, analyse and present a cutout of the talk under the nuance of lexia *bamburrou*, according to diatópic factors and socio-cultural aspects, in four municipalities situated in the Northern State of Mato Grosso and built up from the Colonizing action Sinop S.A.: Sinop, Vera, Cláudia and Santa Carmem. This study, of dialetológica nature, sought to investigate the mechanisms that led and still lead migrants of different Brazilian regions the displaced from their places of origin for this geographical space, part of the Legal Amazon, and how that plurality of linguistic and cultural models 'merged' and influenced the formation and expansion of the Portuguese in the region.

Key words: Lexia *bamburrou*, Dialectology, Legal Amazon.

1- Primeiros alinhavos: mobilizações teórico-metodológicas

O desenho de pesquisa desse estudo tem como principal aporte teórico a Geolinguística contemporânea e dialoga, também, com os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista. Assim, a partir desses referenciais teórico-metodológicos procurei apreender a variedade linguística, mais especificamente no nível semântico-lexical, e as implicações de natureza sociocultural, que influenciaram na formação e expansão do português na região norte de Mato Grosso. Utilizei-me, ainda, como guia o

método de investigação científica adotado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

A necessidade da realização de um estudo interdisciplinar deve-se ao fato da complexidade e da abrangência dos estudos sobre o léxico de uma língua natural, que envolvem, por exemplo, variações diatópicas, diafásicas, diastráticas, diagenéricas e diageracionais. Portanto, a interação entre ciências da linguagem permite maior mobilidade entre áreas do saber para que se possa conhecer e registrar, com maior valor científico, as diferentes formas de falar de uma comunidade linguística.

Com filiação ao Projeto de Pesquisa *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, busco retratar, em consonância com os objetivos desse Projeto - compreender os processos de manutenção e mudança da língua portuguesa que se expandiu para as regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil, pelos caminhos das águas do rio Tietê, antigo Anhembi, dentre outras vias fluviais e terrestres -, como se constituíram histórico e culturalmente as matizes formadoras do português falado nos quatro municípios de Mato Grosso em estudo: Sinop, Santa Carmem, Cláudia e Vera.

Vale ressaltar a pluralidade de falares que se encontram nessas cidades, os quais se modelaram a partir do Projeto de Integração Nacional (PIN)¹, sancionado à época pelo Presidente da República General Emílio Garrastazu Médici, com a vinda de gentes oriundas de diferentes Estados brasileiros - São Paulo, Goiás, Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Paraíba, descendentes de italianos, alemães, japoneses, suecos, ingleses, portugueses, ucranianos, poloneses, espanhóis, indígenas e africanos -, conforme os vinte pioneiros entrevistados, sujeitos de pesquisa desse trabalho.

Além disso, não é possível desvincular o processo de ocupação do norte mato-grossense, que tem seu início oficializado apenas na década de setenta do século XX, do contexto de colonização do país. Desse modo, é preciso considerar as incursões a esse espaço geográfico desde o início das explorações bandeirantes e monçoeiras, já no

¹ O PIN, criado pelo Decreto-Lei nº. 1.106, de junho de 1970, tinha como finalidade específica financiar o plano de obras de infraestrutura das regiões compreendidas nas áreas de atuação da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e promover sua rápida integração à economia nacional. A primeira etapa do PIN compreendeu o Plano de Irrigação do Nordeste e a construção das rodovias Transamazônica e da Cuiabá-Santarém. (MÜLLER; CARDOSO, 1977)

século XVII, e mesmo muito antes disso, se considerarmos os caminhos percorridos pelos povos indígenas, fundamentalmente dos kayabi, expulsos da região em nome da ‘civilização’ e do progresso, e que imprimiram muitas marcas na toponímia, principalmente dos rios da região, como também da fauna e da flora: *Kayabi, Arinos, Xingu, Tapajós, Paranatinga, Curupy, itaúba, cambará, mutum, paca, cutia*, entre tantas outras.

O espírito empreendedor tropeiro também não pode ser desconsiderado, visto que, ao se estabelecer a rota dos tropeiros – de Viamão/RS a São Paulo/SP e às Minas Gerais/MG – desenvolve-se o fortalecimento do comércio e estimula-se a interiorização do Brasil, promovidos por viajantes encarregados de fazer o transporte de alimentos e materiais de necessidades básicas. Posteriormente, novas rotas passaram a ser investigadas pelos exploradores tropeiros durante o processo de criação das Capitânicas de Mato Grosso e Goiás², os quais, em terras mato-grossenses, viviam essencialmente da criação, transporte e negociação de gado, atividades que se mantêm até os dias atuais.

Convém acentuar, ainda, que a eleição dos quatro municípios localizados no norte do Estado foge à proposta de estudos sobre diversidade linguística pensada por Antenor Nascentes, inicialmente em 1922, e reafirmada em 1953 na obra *O linguajar carioca*, na qual aponta as seguintes divisões e subdivisões de falares: norte = amazônico e nordestino; sul = baiano, mineiro, fluminense e sulista, além de um espaço delimitado ao oeste e ao norte de Mato Grosso, parte de Goiás, de Rondônia e do atual território de Tocantins, que denomina como “território incharacterístico”.

Essa configuração adotada por Nascentes continua ainda em grande proporção a ser adotada pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, conforme aparece descrito nos *Critérios de seleção de localidades*³ indicados no *site* do Projeto, pois “muito contribuiu para a escolha das localidades a consulta aos pontos sugeridos por Antenor Nascentes (...) sido mantidas as localidades que ainda se mostravam pertinentes para os objetivos do trabalho.”

Ainda que estudos linguísticos mais recentes atestem validade à divisão dialetal do Brasil realizada por Nascentes, tal como o faz a linguista Suzana Cardoso em sua

² Fundadas por um Alvará datado de 09/05/1748 e emitido por Dom João V.

³ PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. *Critérios de seleção de localidades*. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de abr. de 2012, às 14h23min.

obra *A dialectologia no Brasil: perspectivas* (1999) e, por essa razão, o norte mato-grossense continua a ser visto como espaço incaracterístico e com insuficiência demográfica para a realização de pesquisas geolinguísticas, compreendo, contudo, em consonância com Almeida (2008), que deixar de registrar os falares de comunidades linguísticas em formação pode levar ao apagamento das realizações linguísticas e ao silenciamento das posições discursivas ocupadas por aqueles que significam o português nesses espaços.

Munida desse propósito, reuni um *corpora* por meio de quarenta entrevistas, divididas entre vinte sujeitos masculinos e 20 femininos e entre duas faixas etárias distintas, sendo, assim, vinte informantes pioneiros com mais de 50 anos e vinte jovens, de 18 a 40 anos, filhos ou netos desses pioneiros. Dessas entrevistas, dezesseis foram feitas em Sinop, oito em Vera, oito em Santa Carmem e oito em Cláudia, e para as quais me vali da versão final do questionário linguístico direcionado ao aspecto semântico-lexical (QSL), aprovada pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB e publicada em 2001, pela Universidade Estadual de Londrina. No entanto, tendo em mãos transcrições de relatos de experiência pessoal de vinte migrantes dos pontos de inquérito pesquisados, e por compreender que o repertório verbal da comunidade linguística em que se realiza a pesquisa apresenta peculiaridades e particularidades de acordo com a realidade dos falantes, ousei criar um questionário semântico-lexical específico, com 210 questões, mantive, todavia, dezesseis questões originais do QSL.

Compreendo, desse modo, que toda a abundância de eventos e fatos disponibilizados pela história não pode ser desconsiderada quando se pensa no processo de ‘ramificação’ que levou à costura do modo de falar local. Assim, imbuída por esse objetivo investigativo, fiz a escolha da temática ‘o estudo sócio-semântico-lexical da região norte mato-grossense’ no intuito de voltar a pesquisa para a compreensão das possíveis contribuições que o estudo pode trazer, a partir da descrição semântico-lexical, à constituição do português na região. Apresento, na subsequência, apenas o recorte das considerações analíticas tecidas à lexia *bamburrou*, a qual foi apreendida como resposta à questão 126 de meu QSL: *...aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiro?*.

2- Contexto sócio-semântico-lexical da pesquisa

O processo de ocupação do espaço geográfico pertencente à região norte mato-grossense, como já mencionado acima, se intensifica na década de setenta do século passado e é resultado do estímulo federal à colonização de toda a Amazônia Legal⁴, considerada, até então, uma região distante e inacessível. O sancionamento do Projeto de Integração Nacional dá início, nesse momento, a mais ambiciosa estratégia política geoeconômica da Ditadura Militar: o processo de transformação, exploração e ocupação da última fronteira agrícola do país, induzido por propagandas de terras ‘férteis’, incentivos fiscais, financeiros e promessas de lucros fáceis e ascensão social. Dois slogans são amplamente propagados neste período: *Integrar para não entregar e levar os homens sem-terra para as terras sem homens*.

Começa-se, desse modo, a apropriação de grandes porções de terra por colonizadoras particulares que, aproveitando-se das condições e incentivos da política fundiária de regularização e venda de terras no Estado de Mato Grosso, denominadas terras devolutas/públicas, passam a comercializar os grandes latifúndios adquiridos, inicialmente, a pequenos agricultores, a maioria proveniente do sul do país e que enfrentavam dificuldades financeiras naqueles Estados. Conforme Philippsen (2007), esta transferência de responsabilidade da venda das terras é vista de maneira positiva pelos governos militares e seria o principal instrumento da contrarreforma agrária, centralizadora e seletiva, impedindo o acesso espontâneo dos migrantes às terras da União.

Gradualmente, então, começa a ocupação das terras norte mato-grossenses, tendo como pioneiros migrantes uma grande quantidade de pequenos agricultores vindos do Paraná, de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul que, ao venderem suas pequenas propriedades naqueles Estados, instalavam-se nas áreas oferecidas pelas colonizadoras particulares da Amazônia mato-grossense. Como consequência, “[...] a adoção do modelo político de modernização da agricultura pelo governo militar

⁴ A região norte mato-grossense está inserida em uma ampla região denominada Amazônia Legal, área que ocupa 61% (sessenta e um por cento) do território brasileiro, criada para efeito de ação governamental, possuindo leis diferenciadas do restante do país em relação a incentivos fiscais, e que hoje é composta pela superfície total dos Estados do Acre, Rondônia, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Tocantins e, parcialmente, o Estado do Maranhão (a oeste do meridiano 44 N) e norte de Goiás. (PITOMBO-OLIVEIRA, 2007)

provocou um fluxo migratório intenso de produtores rurais do sul em direção ao norte de Mato Grosso e Rondônia” (COVEZZI; PRETI, 2000, p.90).

Conforme Souza (2004), entre os anos setenta e oitenta do século XX, estimuladas pelos “programas especiais” de incentivos fiscais concedidos pelo governo federal, foram registradas 33 (trinta e três) empresas privadas que implantaram 88 (oitenta e oito) Projetos de Colonização. Destas, destaco a Colonizadora Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná Ltda), que inicia suas atividades no norte de Mato Grosso em 1971, ano em que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) aprova o projeto de aquisição das terras da Gleba Celeste⁵, ou seja, terras compradas de terceiros, pois o governo do Estado já as havia ‘vendido’ anteriormente.

O primeiro grupo de trabalho da Colonizadora foi comandado por Ulrich Grabert e pelo agrimensor Carlos Benito Spadoni, que iniciaram as atividades de demarcação da Gleba. De acordo com Panosso Netto (2000), o primeiro lote de terras adquirido foi denominado de Núcleo Colonial Celeste 1 e dividido em três partes: a) a primeira, com 63.741,30 ha., denominada de Vera; b) a segunda, com 64.407,67 ha., denominada de Santa Carmem; c) a terceira, com 59.519,00 ha., denominada de Sinop. Em meados da década de setenta a Colonizadora Sinop comprou mais 80.000 ha. e criou o Núcleo Colonial Celeste 2, implantando a quarta parte do projeto, denominada de Cláudia.

Para Oliveira (1982), a divisão territorial da Gleba Celeste seguiu o plano de urbanismo rural projetado pelo INCRA e transformado em documento governamental em 1973. Por este modelo Sinop foi classificada como “Rurópolis”, Vera, Santa Carmem e Cláudia como “Agrópolis”, e os centros convergentes rurais como “Agrovilas”.

Atualmente, Vera conta com uma população de 10.235 habitantes que atua em atividades relacionadas à economia madeireira ou à reestruturada agricultura, principalmente na produção de grãos, como a soja, o arroz e o milho. Já Santa Carmem conta com uma população de 4.021 habitantes, que atua em atividades tais como indústria madeireira, agricultura, agropecuária e prestação de serviços. Quanto à cidade

⁵ Grande extensão de terras na pré-amazônia mato-grossense, pertencentes ao município de Chapada dos Guimarães (à época maior município em extensão do Estado) e que deu início à colonização do “Núcleo Colonial Celeste”. Este núcleo, mais tarde denominado “Gleba Celeste”, através de novas aquisições chegou a 645.000 hectares. (SOUZA, 2004)

de Sinop, é a quarta maior de Mato Grosso em número de habitantes, e conta hoje, em apenas 36 (trinta e seis) anos de fundação, com uma população de 111.643 habitantes, tendo uma economia diversificada, sendo, contudo, conhecida como polo educacional. E Cláudia possui uma população de 10.635 habitantes⁶, apresentando, no momento atual, uma economia em que se destacam, na agricultura, as produções de arroz, soja, milho, feijão e coco; na pecuária, os sistemas de exploração de gado de corte e leite pelo sistema extensivo.

3- Alinhavos de análise

A lexia *bamburrou* foi dada como resposta em três dos quatro pontos de inquérito pesquisados, Sinop, Vera e Santa Carmem, e foi falada oito vezes pelos entrevistados, como se pode verificar no Cartograma 1 exposto em anexo. A distribuição dessa lexia ocorreu da seguinte forma: na cidade de Sinop, três informantes masculinos acima de 50 anos a utilizaram; na cidade de Vera, tão somente uma mulher com mais de 50 anos mencionou a lexia em análise; e, em Santa Carmem, dois homens e uma mulher com mais de 50 anos, bem como um jovem, de 18 a 40 anos, aludiram a essa lexia.

Desse modo, há um número maior de respostas dadas pelos sujeitos acima de 50 anos, sete, contra unicamente a de um jovem, de 18 a 40 anos, de Santa Carmem. Assim como há maior quantificação numérica que distingue as respostas masculinas, seis, *versus* somente duas femininas.

Tais dados desproporcionais entre as respostas de homens e mulheres, conforme os números acima nos mostram, podem estar relacionados, além de serem as atividades de garimpagem, predominantemente, realizadas por homens, com a proveniência das migrantes, ou seja, com a procedência, antes da migração, que sugere contato ou não dessas mulheres com a linguagem do garimpo.

É o que se observa no seguinte fragmento de justificativa, que acompanha a resposta à pergunta 126 dada pela pioneira de Santa Carmem, SC8 F⁷, natural de

⁶ Os dados referentes às informações populacionais das quatro cidades foram apreendidos do censo de 2010, publicado no Diário Oficial da União do dia 04/11/2010.

⁷ Para manter sigilo sobre a verdadeira identidade dos sujeitos entrevistados, optei por substituir o nome por pseudônimos. Para tanto, vali-me das iniciais dos nomes das quatro cidades e acrescentei **F**, para a

Misericórdia de Piancó – PB: “quando enricô do dia pra noite no garimpo, eles fala ‘fulano bamburrô, fulano enricô’, que achô oro, né. E o contrário eles fala que brefô, né, abriu falência, foi mal”. A outra informante, de Vera, V2 F, que aludiu *bamburrou*, é proveniente do Estado de São Paulo, contudo, cabe salientar, conforme excerto de sua narrativa de experiência pessoal, que seu avô por parte de pai “era mineiro; mineiro e paulista”; já a bisavó “era meio bugre”.

Cabe enfatizar, também, que a lexia *bamburrou* relaciona-se etimologicamente, segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004), ao elemento *bambur-*, conexo com *bamb-*, radical de natureza onomatopaica que estaria ligado ao balbucio da criança; da ideia de balbucio se chegaria, por extensão, à ideia de instabilidade, oscilação, e daí à acepção de acidente, acaso. Todavia, de acordo com o *Novo Dicionário Banto do Brasil* (2003), esse verbo intransitivo teria provável procedência do quicongo⁸ *bambula*, palavra esta que faria referência a encantamento, sendo que teria a virtude mágica de transferir bens de outra pessoa para quem a profere.

Na tabela abaixo, há o registro conceitual apenas da forma verbal no infinitivo dessa palavra em dois dos quatro dicionários gerais que consultei, no *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986) e no *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* – (Aulete Digital):

Dicionário	Vocabulário Portuguez & Latino - D. R. Bluteau (1712)	Dicionario da Lingua Brasileira – Luiz M. da S. O. P. Pinto (1832)	Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1986)	Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa – (Aulete Digital)	Dicionário Gaúcho Brasileiro – João A. Bossle (2003)	Dicionário do Nordeste – Fred Navarro (2004)
Entrada						

entrevistada do sexo masculino, e **M**, para o informante do sexo masculino. Já o número representa a ordem sequencial da entrevista.

⁸ Língua africana falada nos domínios territoriais de Congo, Cabinda e Angola.

BAMBURROU	_____	_____	(BAMBURRAR) 1- Bras., BA. Nas Lavras Diamantinas, fazer fortuna inesperadamente, ou encontrar diamante muito valioso. 2- Bras., Amaz. Encontrar ouro ou pedras preciosas em grande quantidade, ficando milionário. (p.226)	(BAMBURRAR) 1- Enriquecer, por encontrar, garimpando, grande quantidade de ouro ou pedras preciosas. 2- Fig. Ter grandes lucros ou fazer fortuna, de modo súbito e inesperado.	(TIRAR O PÉ DO BARRO) Expr. Conseguir um bom emprego, melhorar de vida; progredir, enriquecer: com essa grana eu tiro o pé do barro. (p.495)	(LAVAR A JEGA) Expressão correspondente a lavar a água, dar-se bem numa empreitada, pelar o porco, em AL. jega, no caso, é o feminino de jegue (burro, jumento). (p.209)
-----------	-------	-------	--	--	--	--

Tabela 1 Fonte: Pesquisa Direta

Segundo os sentidos transcritos, que se evidenciam nos verbetes desses dois dicionários citados acima, é possível verificar que os mesmos equivalem ao significado expresso na questão 126 de meu Questionário Semântico-Lexical.

É importante observar, também, que, especificamente nas definições trazidas pelo *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* (1986), há a delimitação de uso desse termo em dois espaços territoriais distintos, no Estado da Bahia, mais especificamente “nas Lavras Diamantinas”, e no contexto Amazônico.

No entanto, constata-se a utilização dessa lexia em regiões diversas às citadas pelo *Aurélio*, pois há registro dessa palavra, com o mesmo sentido evocado na pergunta 126, em produções científicas e em relatos de diferentes locais em que se desenvolvem atividades de garimpagem, dentre elas destaco *Da Linguagem Cuiabana* (2007), de Pedro Rocha Jucá, *As Tradições do Garimpo no Vale do Araguaia: Representações, Mitos e Imaginário* (2009), de Núbio Vicente da Silva, *Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Bacia do Rio São Bartolomeu*⁹ (2008), de iniciativa da Fundação Banco do Brasil (FBB) e da Fundação Pró-Natureza (FUNATURA), e no seguinte fragmento de narrativa do garimpeiro Idalvo de Jesus Andrade (seu Ida), que explora aluviões às margens do ribeirão do Guinda, em Diamantina/MG, conforme a reportagem

⁹ Entre todos os municípios da região da bacia do São Bartolomeu, Cristalina é o mais próspero em relação ao escoamento de seus produtos. O trabalho de capacitação dos artesãos é fruto do Programa de Desenvolvimento Econômico e teve como um de seus resultados a Marca Bamburrah – O Caminho das Pedras. O termo bamburrar é do vocabulário usual dos garimpeiros e significa ‘encontrar o veio de cristal’. (FBB; FUNATURA, 2008).

reproduzida pelo Globo Rural em outubro de 2007¹⁰, “[...] dependendo do tipo e da concentração de satélites¹¹, sabem se estão perto ou não de tirar uma pedra e, eventualmente, ‘bamburrar’ – ficar rico.”

Tal constatação, de propagação dessa forma verbal, pode estar relacionada ao fato de o “mundo do garimpo” ser:

[...] composto por diversificadas culturas que possibilitam a fácil interação e as sociabilidades entre as comunidades. Há de se lembrar que o garimpo no Brasil incentivou as migrações que culminaram repentinamente na criação de povoados, vilarejos, distritos e, conseqüentemente, a constituição de cidades. [...] A maioria dos garimpos apresenta um contexto de encontros culturais, pois é um recinto de reciprocidades e ao mesmo tempo de heterogeneidades. É um lugar que possibilita a troca de experiências e a assimilação de conhecimentos comuns entre as culturas, que, por sua vez, são compostas por migrantes goianos, mineiros, cariocas, paulistas, cuiabanos, e, em larga escala, de nordestinos. (SILVA, 2009, p.12-13)

Esses “encontros culturais” e, conseqüentemente, linguísticos, podem, portanto, ser os responsáveis pela disseminação da “linguagem do garimpo” em ‘novos’ espaços geográficos de descoberta aurífera, visto que a História tem revelado grande mobilidade dos garimpeiros sempre que se anuncia a descoberta de novas “manchas¹² do garimpo”.

Vale ressaltar, ainda, que, além dos sentidos difundidos no norte do Estado de Mato Grosso para a lexia/verbo *bamburrou*, como “enriqueceu por meio do garimpo” ou “fez fortuna”, há ainda outros distintos que se manifestam, mais especificamente, no distrito de Nossa Senhora da Guia¹³, registrados no trabalho de Doutorado de Sandra Regina Franciscatto Bertoldo (2012). Dentre as investigações dialetológicas feitas por essa pesquisadora, aparece o uso do substantivo *bamburro*, coletado “na fala de muitos dos sujeitos pesquisados, para quem o cenário do distrito da Guia, em tempos idos, não poderia ser outro: o de muito mato, *muito cerrado, um bamburro*, afinal, Guia estava ‘nascendo’ e a mata típica de cerrado tomava conta de todo o espaço” (BERTOLDO, 2012, p.94. Grifos da autora).

Ainda de acordo com Bertoldo, a utilização de *bamburro* com esse significado, nessa localidade, é:

¹⁰ GLOBO RURAL. *O sonho da pedra*. Ed. 264. Out./2007. Disponível em http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1649506-1484-1,00.html. Acessado em 22 de out. de 2012, às 17h e 31min.

¹¹ Pedrinhas com feitios e cores diversos.

¹² Minério em grande proporção.

¹³ Encontra-se localizado, geograficamente, a 40 km da capital mato-grossense – Cuiabá.

[...] bastante frequente no falar dos moradores com idade superior a 50 anos e, mesmo não corrente entre os informantes mais jovens, ela é mencionada como “conhecida por ouvir falar”. [...] Isso nos leva a crer que o fato de ser um regionalismo mato-grossense, assegura-lhe, senão a continuidade e manutenção, a possibilidade de marcar os registros histórico-culturais produzidos pela linguagem “típica de Mato Grosso”. (*Ibidem*, 2012, p.95-96).

Convém enfatizar, também, que, conforme nos mostra o Cartograma em anexo e que integra o quadro responsivo da questão 126 de meu QSL, se evidenciaram várias expressões dadas como respostas pelos sujeitos informantes ao conceito dessa pergunta. São elas, respectivamente: *boca-rica, de sorte, lavou a égua, tá feito, tirou o pé da lama e tirou o pé do atoleiro*.

Dessa forma, verifica-se que as expressões *tirou o pé da lama e tirou o pé do atoleiro* estão próximas à entrada registrada no *Dicionário Gaúcho Brasileiro* (2003), *tirar o pé do barro*, que apresenta dentre as suas significações conceituais a de “enriquecer”; já a expressão *lavou a égua* tem proximidade semântico-lexical à entrada trazida no *Dicionário do Nordeste* (2004), *lavar a jega*, em que se enfatiza o sentido de “dar-se bem numa empreitada”.

4- Alinhavos finais

Segundo os resultados analíticos supracitados, pode-se observar que a difusão da lexia *bamburrou* imprime realce no norte de Mato Grosso no século XX. Trazida pelos migrantes oriundos de distintas regiões brasileiras, já no início de sua colonização, *bamburrou* desde então permanece, ao lado de outras lexias e expressões sinonímicas, em estado de **manutenção semântico-lexical**, ainda em uso nessa extensão geográfica em que se desenvolve esta pesquisa. Contudo, se os resultados analíticos descortinados acima expressam manutenção semântico-lexical dessa lexia, deve-se assinalar, porém, que ora se encontra em descenso, ou seja, *bamburrou*, de acordo com os dados evidenciados, não tem sido utilizada pelos jovens, de 18 a 40 anos, visto que apenas um rapaz de Santa Carmem, SC8/2 M, filho de SC8 F, de 39 anos, mencionou essa palavra, fato esse que pode ser indício de descontinuidade de uso dessa lexia na comunidade linguística pesquisada.

Hipoteticamente, uma das razões, por desconhecimento do contexto inerente ao ‘mundo do garimpo’, remete à substituição desse termo por outros, inclusive, como *vimos*, expressões, com equidade de sentido. Para exemplificação dessa assertiva,

destaco o termo *sortudo*, que apresenta sete ocorrências, dentre elas cinco foram proferidas por jovens, de 18 a 40 anos, contra duas de mulheres entrevistadas, acima de 50 anos, ambas de Sinop; o número de não respostas entre os jovens, cinco, também acentua a descontinuidade de utilização de *bamburrou* e mesmo da falta de referentes para *aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas e que fez fortuna inesperadamente*.

A explicação mais plausível para o quase não uso de palavras que integram a linguagem do garimpo deve-se ao fato da decadência da extração aurífera predatória e dos redutos de garimpagem, ainda que, segundo a Agência Brasil¹⁴:

A Amazônia brasileira vive a retomada de descobertas de explorações clandestinas de ouro e diamante, principalmente nos estados do Pará, de Rondônia, Roraima e Mato Grosso. O movimento ocorre na contramão da presença relativamente organizada do garimpo em estados como Minas Gerais, onde cooperativas trabalham na exploração de pedras em estado bruto.

É importante também pontuar que nos quatro pontos investigados, Sinop, Vera, Santa Carmem e Cláudia, não há confirmação de jazidas ou de depósitos naturais de minérios já explorados, no entanto, esses municípios mantêm proximidade com garimpos de ouro que se localizam no Alto Teles Pires, no norte de Mato Grosso, com ênfase às cidades de Alta Floresta e de Peixoto de Azevedo, garimpos esses que, conforme Azevedo e Delgado (2002), já estão com os seus jazigos praticamente esgotados. Para esses autores, o norte mato-grossense, especialmente Peixoto de Azevedo, seria um exemplo de como a estagnação dos garimpos, no final dos anos 80 do século XX, provocou uma diminuição populacional, com a retomada de atividades agropecuárias, menos intensivas no uso de mão de obra.

Essa estagnação se evidencia, também, na justificativa que acompanha a escolha responsiva à questão 126 do pioneiro S10 M, de Sinop:

Bamburrado, o cara bamburrô no garimpo, achô uma pedra. Os mais jovens já não sabem por que não tiveram contato com esse tipo de coisa, né. Eu morei na época lá em Floresta, né, e era uma região só de garimpo, né. E aqui também tinha muita gente, não tinha garimpo aqui, mas tinha muito garimpero, né, que vinha, né. Eram os bamburrados. O cara bamburrava lá e vinha pra cá.

¹⁴ AGÊNCIA BRASIL. *Bamburrou! O grito que ecoa as distorções da Amazônia brasileira*. Brasília: Correio Braziliense. Publicado em 15/08/2012, às 18:45. Disponível em http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/08/15/interna_brasil,317438/bamburrou-o-grito-que-ecoa-as-distorcoes-da-amazonia-brasileira.shtml. Acessado em 24 de out. de 2012, às 12h e 09min.

A ‘falta de contato’, assinalada por esse migrante, pode estar entre as possíveis razões de nenhum respondente da cidade de Cláudia ter trazido como resposta a lexia *bamburrou*, visto que esse município foi o último implantado e conduzido pela Colonizadora Sinop, em meados de 1978. Cabe exaltar, contudo, que um jovem dessa localidade, de 18 a 40 anos, proferiu a variante *embamburrou* como resposta.

Assim, de acordo com os apontamentos analíticos feitos e conforme os resultados sócio-semântico-lexicais apreendidos à tessitura de *bamburrou*, é possível afirmar, em consonância com Barbosa (1979), que as unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Eliana de. Língua da Fronteira: uma cartografia discursiva. In: BARONAS, Roberto Leiser. **Estudos discursivos em Mato Grosso: limiares**. São Carlos: Pedro & João Editores/Cuiabá: EdUFMT, 2008.

AZEVEDO, Adalberto M. M.; DELGADO, *Célio C. Mineração, Meio Ambiente e Mobilidade Populacional: um levantamento nos estados do Centro-Oeste expandido*. Trabalho apresentado no XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, realizado em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil de 4 a 8 de novembro de 2002.

BARBOSA, M. A. Aspectos da produtividade léxica. **Língua e Literatura**, n° 8, p. 165-183, 1979.

BERTOLDO, Sandra Regina Franciscatto. **Investigação dialetológica no distrito de Nossa Senhora da Guia: análise semântico-lexical de bamburro, tacuru e bateia**. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOSSLE, João Batista Alves. **Dicionário gaúcho brasileiro**. [1947]. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **A Dialectologia no Brasil: Perspectivas**. D.E.L.T.A, Vol. 15, N° Especial, 1999 (233-255).

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas lingüístico do Brasil: questionário 2001**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2ª ed. revista e ampliada. 4ª imp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A., 1986.
- FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL – FBB; FUNDAÇÃO PRÓ- NATUREZA – FUNATURA. **Diagnóstico Socioeconômico e Ambiental da Bacia do Rio São Bartolomeu**. Relatório Final. Dez. de 2008. 100p.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1ª reimpressão com alterações. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- JUCÁ, Pedro Rocha. **Da linguagem cuiabana**. Cuiabá: Editora Memórias Cuiabanas, 2007.
- LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.
- MÜLLER, G. & CARDOSO, Fernando H. **Amazônia: expansão do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense. CEBRAP, 1977.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. [1956]. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- OLIVEIRA, João Mariano de. **A esperança vem na frente: contribuição ao estudo da pequena produção em Mato Grosso, o caso Sinop**. Dissertação de Mestrado. USP/FFLCH, 1982.
- PANOSSO NETTO, Alexandre. **Vera: a princesinha do nortão: uma contribuição ao estudo da ocupação da Amazônia mato-grossense**. Campo Grande, MS: A. Panosso Netto, 2000.
- PHILIPPSEN, Neusa Inês. **Mídia Impressa e Heterogeneidade: polêmicas da esfera da atividade madeireira no espaço discursivo da Amazônia Legal**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2007.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
- PITOMBO-OLIVEIRA, Tânia. **Fronteira Discursiva: o paralelo 13º e os sentidos da exclusão**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2007.
- SILVA, Núbio V. da. **As Tradições do Garimpo no Vale do Araguaia: Representações, Mitos e Imaginário. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG**. 14/15/16 setembro/2009. Goiânia – Goiás.
- SOUZA, Edison Antônio de. **Sinop: História, Imagens e Relatos. Um estudo sobre a sua Colonização**. Cuiabá: Instituto de Ciências Humanas e Sociais, 2004.

Outras Fontes

AGÊNCIA BRASIL. **Bamburrou! O grito que ecoa as distorções da Amazônia brasileira**. Brasília: **Correio Braziliense**. Publicado em 15/08/2012, às 18:45. Disponível em http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2012/08/15/interna_brasil,317438/bamb

[urrou-o-grito-que-ecoa-as-distorcoes-da-amazonia-brasileira.shtml](#). Acessado em 24 de out. de 2012, às 12h e 09min.

AULETE DIGITAL. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Disponível em <http://www.aletedigital.com.br/>. Acessado nos meses de set. e out. de 2011 e nos meses de abr. e mai. de 2012.

GLOBO RURAL. *O sonho da pedra*. Ed. 264. Out./2007. Disponível em http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1649506-1484-1,00.html. Acessado em 22 de out. de 2012, às 17h e 31min.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resultados do Censo. **Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro: Nov. de 2010. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=51. Acesso em 19 de janeiro de 2011, às 15h e 36min.

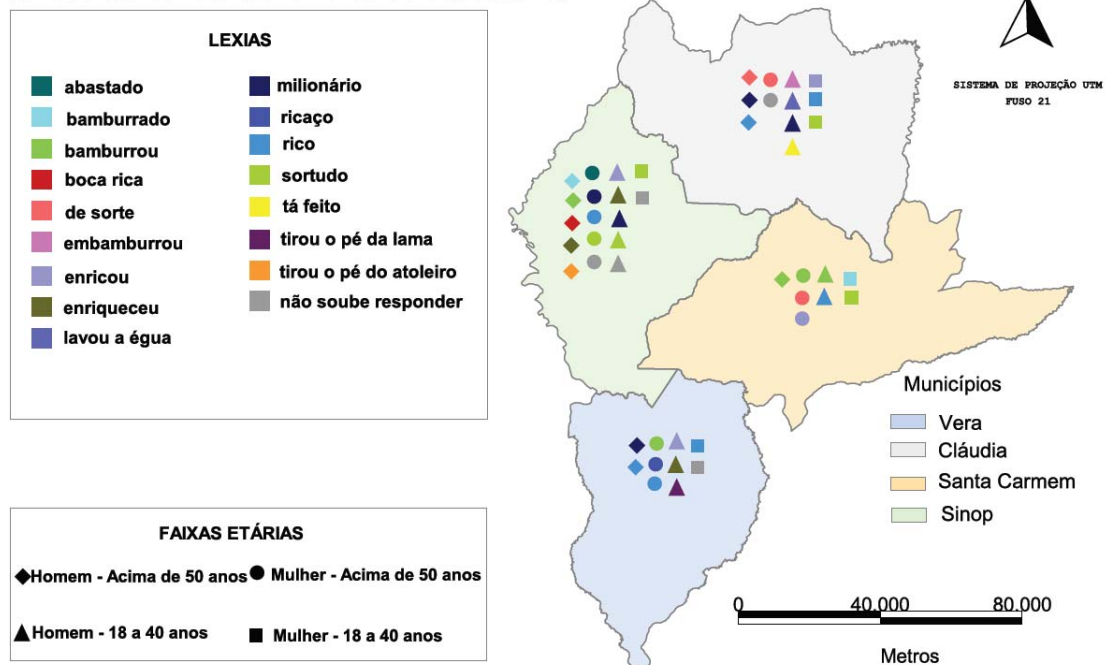
PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Critérios de seleção de localidades**. Disponível em <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/RedePontos>. Acessado em 04 de abr. de 2012, às 14h23min.

Anexos

TEMA: bamburrado

PERGUNTA: ... aquele que encontrou grande quantidade de ouro ou pedras preciosas, que fez fortuna inesperadamente ou que ganhou um grande montante em dinheiros? (Aurélio, 1986, p.226)

CARTOGRAMA 126



Cartograma 01 Fonte: Pesquisa Direta